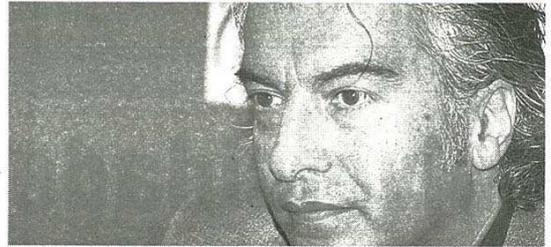
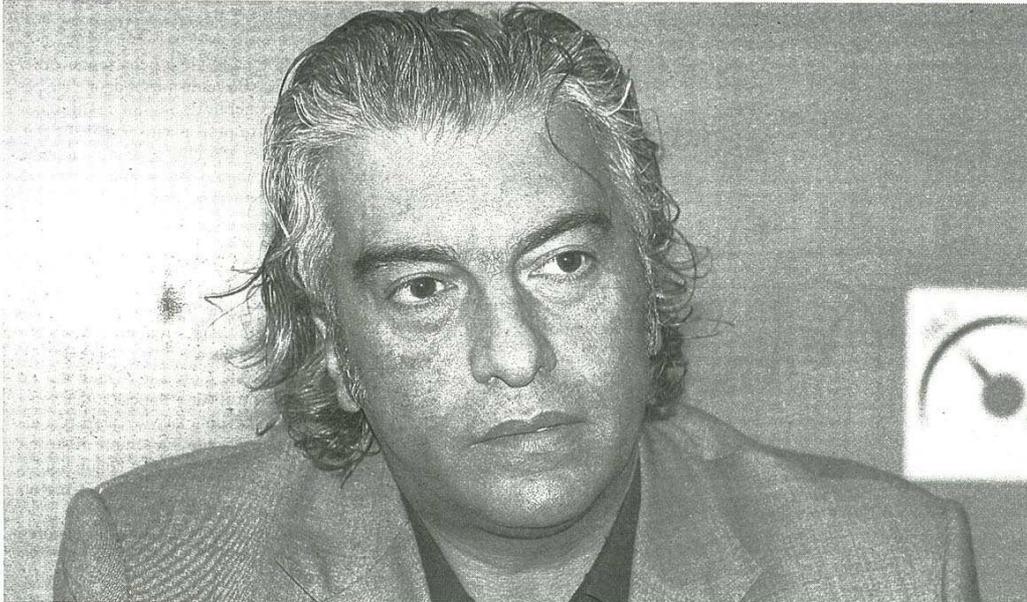


En**INSTITUIÇÃO PIONEIRA**

António Manuel de Almeida Dias preside à direcção da CESPU, cooperativa constituída em 27 de Agosto de 1982, com os objectivos de criação de estabelecimentos de ensino superior, universitário e politécnico, a par da promoção da investigação científica e sua extensão universitária. Originalmente sediada no Porto, passou em 1995 as suas instalações para

Paredes, onde actualmente mantém a sua sede. Iniciou a sua actividade no âmbito do ensino superior politécnico em Vila Nova de Famalicão, em 1997, com a criação da Escola Superior de Saúde do Vale do Ave. É a única instituição do ensino superior com licenciatura em Podologia e foi a primeira entidade privada em Portugal a leccionar Medicina Dentária.

**ALMEIDA DIAS****ENTREVISTA**

FLÁVIO FREITAS

Candidatura da CESPU a Medicina continua de pé

A CESPU insiste em ser a primeira instituição privada a ministrar a licenciatura de Medicina em Portugal. Em entrevista ao 'Correio do Minho' e Rádio 'Antena Minho', o presidente da Cooperativa de Ensino Superior, Politécnico e Universitário fala dos investimentos no 'cluster' da Saúde em Famalicão.

> José Paulo Silva e Rui Alberto Sequeira

P - Estamos numa altura em que muitos estudantes procuram oportunidades para prosseguirem os seus estudos a nível superior. A Saúde, onde a Cooperativa de Ensino Superior Politécnico e Universitário (CESPU) tem investido muito, é uma área de futuro em termos de mercado de trabalho?

R - De facto, estamos a chegar a uma altura do ano em que os estudantes têm de fazer as suas opções. A CESPU só oferece saídas na área da Saúde. Temos todos os cursos da área da Saúde, universitários e politécnicos, quer a nível de licenciatura, quer de mestrados. Só o curso de Medicina é que está numa fase de candidatura e

de apreciação. Temos um leque enorme de ofertas, desde os cursos tradicionais como a Medicina Dentária, Ciências Farmacêuticas, Enfermagem e Fisioterapias, mas temos também propostas únicas em Portugal como a Podologia. O leque enorme de cursos permite escolhas sem grandes constrangimentos dentro da nossa instituição. A situação actual é difícil, porque estamos a falar de ensino particular e cooperativo em que é obrigatório pagar uma propina, mas também é preciso desmistificar um pouco esta situação. Hoje estuda-se no ensino superior com uma propina mensal que é metade daquilo que se paga em muitos colégios para se fazer o ensino secundário. A média das propinas no ensino superior particular e coo-

perativo anda nos 300, 350 euros.

P - De qualquer das formas, no actual quadro socioeconómico, a CESPU tem sentido retracção por parte dos candidatos?

R - Os alunos do sector privado têm acesso ao sistema de bolsas da acção social pública. Nós desenvolvemos uma parceria com a Direcção-Geral do Ensino Superior e posso dizer que, neste momento, 30 por cento dos alunos da CESPU são bolseiros. Apesar da crise e de sermos uma estrutura privada, não sentimos retracção nos últimos tempos, o que não quer dizer que não possamos vir a ter um ou outro sinal. O ano passado, tivemos mais de 80 alunos em relação ao ano ante-

rior. Fechámos as contas de 2010 e posso dizer que foi o melhor ano de sempre para o nosso grupo.

P - A CESPU completa a 27 de Agosto 29 anos de existência. Foi um projecto pioneiro em Portugal a nível do ensino da Saúde?

R - Exactamente. A CESPU foi das primeiras instituições privadas de ensino superior em Portugal. Surgiu na origem do movimento de ensino cooperativo, na década de 80, quando foi necessário que a sociedade civil ajudasse o Estado a oferecer formação superior. Chegámos à década de 90 com o sector particular e cooperativo a ter cerca de 40 por cento do mercado. Entretanto o Estado resolveu alargar a sua rede e fazer grandes investimentos, o que levou a uma redução da procura do sector privado. Foi o sector público que concorreu com o sector privado instalado. Hoje, no interior do país, escolas politécnicas e universitárias privadas acabaram por fechar, o que demonstra desperdício evitável através de contratos-programa com o Estado, ou da cedência de recursos materiais e humanos. Eu já fui procurado por vários municípios com instalações que eram utilizadas por instituições privadas e que se encontram vazias.

P - É o caso de Bragança?

R - Em Bragança é diferente. Tivemos aí a transformação de um anterior estabelecimento de ensino universitário num projecto com outro perfil. Continua a ser única estrutura universitária em Bragança. Houve a passagem desse anterior estabelecimento de ensino para a CESPU. Hoje é a Escola Universitária de Bragança.

P - O facto de a CESPU não ter dispersado a sua oferta, se ter centrado exclusivamente na área da Saúde, foi um trunfo para ultrapassar esse período de retracção do ensino superior particular e cooperativo?

R - Eu penso que sim. Quando o sector particular e cooperativo começou, quase todas as soluções que surgiram no mercado assentaram nos chamados cursos de papel e lápis, obviamente úteis e indispensáveis, mas com um investimento inferior àquele que temos de fazer na área da Saúde. Posso dizer que ainda agora comprámos um microscópio confocal com custos na ordem dos 400 mil euros. Devemos ter mais de um milhão de euros investidos em equipamento em algumas salas, em Gandra e Famalicão. A área da Saúde exige investimento contínuo em novas tecnologias. Uma das grandes apostas da nossa instituição - e o sucesso passa por aí - é criar ambiente real de trabalho ou de simulação para os últimos dois anos das licenciaturas. Temos um laboratório de análises clínicas, duas pequenas unidades hospitalares, clínicas e uma série de outras alternativas.

> "O Hospital em Famalicão será o grande investimento da CESPU".

ALMEIDA DIAS

ENTREVISTA

Universidade de Barcelona escolheu CESPU como parceira

P - A CESPU tem sede em Gandra, concelho de Paredes. Mais recentemente fez investimentos em Famalicão. Estes dois centros são suficientes?

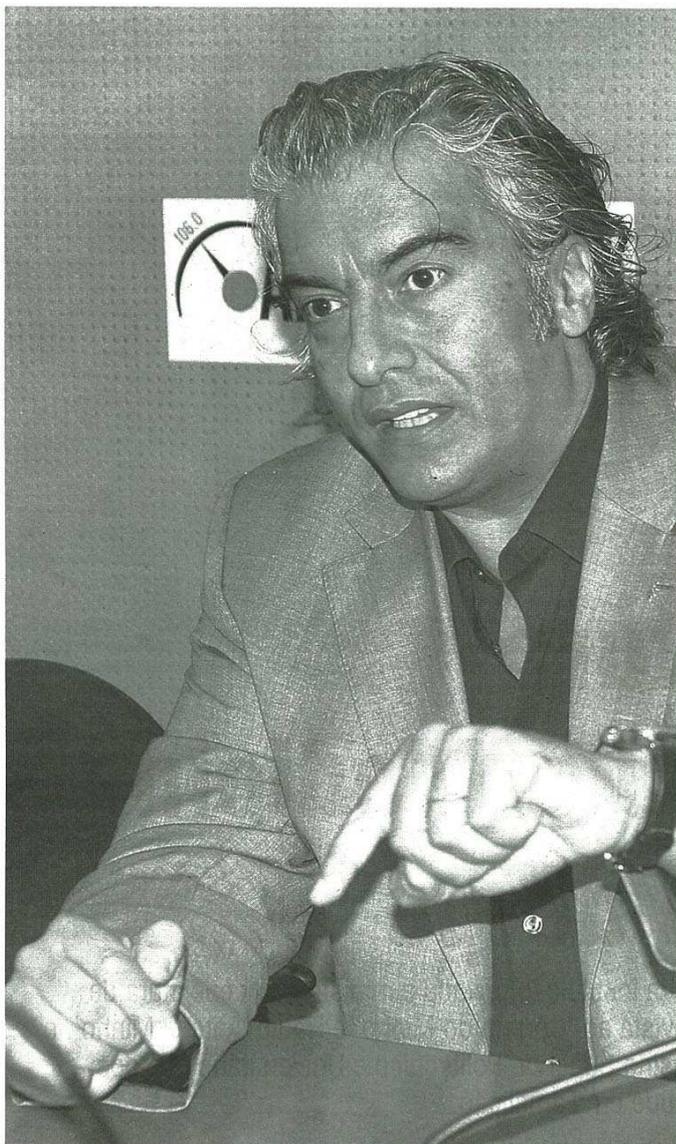
R - No nosso entendimento, aquilo que está instalado na zona Norte em equipamentos de formação superior na área da Saúde chega. Não há necessidade de mais escolas. A CESPU quer é consolidar o projecto que tem em Famalicão. O nosso edifício foi construído de acordo com as novas exigências no domínio do ensino da Saúde. É o primeiro edifício e um 'cluster' que tranquilamente vai começar a surgir em Famalicão. Finalmente temos os pareceres para o projecto de uma unidade hospitalar. O grande investimento da CESPU na zona Norte é em Famalicão.

P - Em que fase está o projecto de hospital privado em Famalicão?

R - Nós dimensionámos a nossa escola de Famalicão para um 'cluster' que envolve uma unidade hospitalar, uma unidade de cuidados continuados, uma pequena unidade hoteleira, uma residência universitária e uma residência geriátrica. Temos que reconhecer que a desregulação do mercado é tanta que não acelerámos a velocidade do projecto. Nos últimos anos, no mercado da saúde, quantas unidades de saúde surgiram? Não era previsível que acontecesse o que aconteceu. Confesso que, quando percebemos que o mercado estava um pouco saturado, tivemos o cuidado de perceber como as pessoas se iam posicionar. De qualquer forma, este projecto está a avançar, mas ele não depende só de nós. Excepto a unidade hospitalar, as outras valências estão a ser negociadas com terceiros. O Hospital será o grande investimento da CESPU.

P - Em Famalicão a CESPU inaugurou recentemente um Centro de Medicina Física e de Reabilitação...

R - Foi uma oportunidade que surgiu, até porque temos connosco especialistas da área, como é o caso do Dr. Domingos Gomes, que foi médico do Futebol Clube do Porto. Lançámos em Famalicão o primeiro Centro de Medicina Desportiva privado com o patrocínio político da altura Secretária de Estado da Juventude e Desporto que nos encorajou. Temos um protocolo com a Câmara de Famalicão e estamos a preparar outros com outras câmaras. Ainda esta semana, mais um clube da 1ª Divisão que pediu o acompanhamento dos seus jogadores no nosso Centro. Trata-se de uma unidade com 1 800 m² com piscina e tudo o mais que é necessário para fazer o acompanhamento dos atletas. Não fazemos só o habitual diagnóstico de patologias, mas também tratamentos e reabilitação. Quem conhece os centros de medicina desportiva públicos em Lisboa, Porto e Coimbra, nota a diferença da nossa oferta de serviços. Es-



FLÁVIO FREITAS

ta diferença fez com que acontecesse uma coisa que muito nos orgulha e que pela primeira vez torna pública: a Universidade de Barcelona, referência europeia na área da Saúde, escolheu como parceiro internacional na área da Saúde escolheu a CESPU, o que para nós é uma distinção. Esta rede levou à criação do Instituto de Investigação e Formação Avançada em Ciências e Tecnologias da Saúde, com

instalações cá e na Universidade de Barcelona. Temos uma relação muito forte com a Universidade de Santiago de Compostela, também com a Universidade de Salamanca.

P - Fala destes reconhecimentos externos, mas por cá parece haver ainda algum preconceito em relação ao ensino superior privado.

R - Há e não vale a pena tentar dizer outra coisa. Bastante menos agora, até pelo encerramento de muitas instituições privadas. Há preconceito porque houve, em determinada altura, uma campanha objectiva contra o ensino superior privado. Recordam-se seguramente que em sucessivos anos apareceram referências a escândalos relacionados com instituições privadas quando se aproximava a altura do ingresso. Nós acompanhámos isso de perto, até porque fomos chamados pelo Governo em duas situações para ficar com alguns alunos e fiz parte durante algum tempo da Comissão Nacional de Avaliação do Ensino Superior. Garantimos que houve uma fase de campanha feroz contra o privado. Eu sempre disse que deve haver uma campanha contra aquilo que é mau. Temos de separar o trigo do joio. Há uns tempos atrás caiu um tecto numa das faculdades de uma das maiores universidades públicas portuguesas. Se caísse o tecto numa universidade privada, teria sido um escândalo nacional. As questões levantadas em relação ao sector do ensino superior privadas prenderam-se com a entidade instituidora e nunca com a qualidade de ensino. Há um sector da sociedade, pessoas mais relacionadas com a gestão do ensino superior, que defendem que o sector privado não deve ter uma expressão superior a 10 por cento do mercado. Por isso o sector público foi crescendo e os 40 por cento que o sector privado tinha se reduziu para 24, 26 por cento. Penso que se estabilizasse aqui estaria bem.

P - Mas parece existir uma certa tendência de privatização do ensino superior com a passagem de universidades ao regime de fundação de direito privado...

R - As fundações de direito são uma forma bastante simpática de manter o 'status'. Elas não vão deixar de ser financiadas pelo Orçamento de Estado. Ainda temos uma Constituição que vai no sentido do gratuito. O problema é que não somos um país rico. Se há gente capaz de pagar, terão de pagar, e o Estado tem de ser solidário e permitir que aqueles que não têm dinheiro cheguem onde chegam os outros. O cheque-ensino seria uma medida reguladora que iria muito além do financiamento. Se o mercado fosse financiado pelo utente e não pelo Orçamento de Estado, só as boas instituições é que receberiam os bons alunos e a selecção seria natural. Mas isto é absolutamente utópico, até porque toda a Europa está estruturada numa universidade pública. Portugal foi dos alunos que mais abriu as portas ao ensino privado, que deu um excelente contributo para que os portugueses, no curto espaço de tempo, pudessem ter um nível de formação muitíssimo acima daquele que existia antes do 25 de Abril de 1974.

Houve, em determinada altura, uma campanha objectiva contra o ensino superior privado.

> **“A CESPU investe entre 750 mil e um milhão de euros por ano na investigação”.**

ALMEIDA DIAS

ENTREVISTA

Fomos a todos os concursos para a licenciatura de Medicina



FLAVIO FREITAS

P - No actual contexto do ensino superior onde se insere o projecto do curso de Medicina da CESPU?

R - Espanha, que tem um ensino superior privado muito menos exuberante do que o nosso, tem cinco cursos de Medicina privados.

P - Vocês estão desde 2004 à espera de aprovação.

R - Nós fomos a todas as candidaturas possíveis para ter um curso de Medicina. Uma instituição de ensino que só se dedica à Saúde, que tem 168 doutorados nesta área mais 130 mestres e não sei quantos médicos especialistas, é candidata a um curso de Medicina.

P - Qual é o argumento apresentado para a não aprovação?

R - Não há nada na lei que diga que o ensino da Medicina está vedado ao ensino privado, mas nunca houve a coragem do sector privado em se afirmar nesta área. Em 2003-2004 iniciaram-se as primeiras candidaturas. A CESPU apresentou então a sua primeira candidatura e foi criada uma comissão de forma distinta daquilo que era tradicional para os outros cursos. Percebeu-se que este seria um curso tratado de outra maneira. Nessa altura tivemos um relatório muito interessante que dizia que o curso estava bem estruturado, assente numa instituição que se relacionava

com a coisa pública. Considero que foi o parecer menos preconceituoso. Mas houve mudança de Governo e, na candidatura seguinte, fizemos grandes investimentos em infra-estruturas de saúde. A seguir entendemos fazer uma candidatura inovadora, com uma parceria público-privada com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Resultou um projecto inovador e interessante do ponto de vista de financiamento, já que não acarretava qualquer custo para o Estado. É espantoso o documento que recebemos que refere como motivo de indeferimento a não concordância com a interpretação que a CESPU faz quanto à necessidade de se formarem mais médicos em Portugal. Há 1500 alunos que estão fora do país a estudar medicina, muitos em universidades excelentes, mas alguns vão parar a instituições sobre a qualidade das quais tenho algumas dúvidas, nomeadamente na América Central. Isto é, para o Estado português é preferível saírem divisas, estarmos a sustentar instituições universitárias estrangeiras, do que dar oportunidade a que em Portugal surjam projectos nesta área. O nosso projecto é

para 60 alunos.

P - O projecto continua de pé?

R - Continua de pé e numa fase muito mais avançada. Vamos responder até ao dia 15 deste mês ao relatório que veio da comissão de avaliação deste curso. Como entendemos que venham médicos do estrangeiro, de uma forma escandalosa, muito menos entendemos que se possa admitir a quantidade de alunos portugueses que saem para o estrangeiro. Aqui há uma discriminação, porque só quem tem muito dinheiro é que pode pôr os filhos a estudar fora de Portugal.

P - Quando julga que este processo possa estar resolvido?

R - Se não for nesta candidatura, estará na próxima. As próprias universidades públicas estão a dizer que não tem sentido aumentar a formação médica com o aumento do ‘numerus clausus’.

P - O curso de Medicina que a CESPU propõe é diferente?

R - Vou-lhe responder como me respondeu o decano da Faculdade de Medicina

de Barcelona: só há uma maneira de ensinar Medicina, que é dar aos alunos, num primeiro momento, um conjunto de conhecimentos que lhes permitam, a seguir, adquirir competências práticas. Só se pega num bisturi ou num porta-agulhas no 4º ou 5º ano. Inovadora foi a parceria público-privada.

P - Recentemente a CESPU viu aprovado um curso de Ciências Biomédicas. Este curso acrescenta mais alguma massa crítica para sustentar o curso de Medicina?

R - Nós candidatámos o curso de Medicina com mestrado integrado, com o 1º ciclo a ser chamado de Ciências Biomédicas e 2º ciclo Mestrado em Medicina. Na mesma altura, fizemos uma candidatura só com o 1º Ciclo. Foi aprovada a candidatura isolada do 1º Ciclo e não foi o mestrado integrado. Para nós, o curso de Ciências Biomédicas tem uma enorme vantagem de dar capacidade de os alunos poderem evoluir em vários sentidos de especialização, nomeadamente para Medicina.

P - Famalicão fica de fora deste curso?

R - Famalicão está a consolidar os cursos que lá estão, nomeadamente o de Fisioterapia. Os alunos deste curso, com o Centro de Medicina Desportiva e Reabilitação têm condições excepcionais. Em Famalicão temos uma outra área fundamental, que é a Engenharia Biomédica, que não tem nada a ver com as Ciências Biomédicas.

P - Quantos alunos tem a CESPU?

R - Nas licenciaturas tem cerca de 3 200 alunos e perto de 500 nos mestrados. Na área da formação, quer em Portugal, quer no estrangeiro, temos mais de 2000 alunos que estão a fazer pós-graduações não conferentes de grau.

P - O que é que a CESPU realiza a nível da investigação?

R - A CESPU tem a vontade de desenvolver investigação de forma a sustentar a actividade de ensino nos sentidos da produção de conhecimento e pela própria notoriedade da instituição.

A nossa primeira preocupação foi olhar para o ensino e fazer com que ele fosse irrepreensível. Em 2004 decidimos dedicar um por cento do nosso orçamento para o consumo corrente de alguns grupos de investigação, isto é, mais de 200 mil euros, sem contar com a compra de equipamentos. Quem já visitou as nossas instituições em Gandra afirma que há poucas instituições na Europa que tenha disponível o nosso parque de equipamentos. Passado algum tempo, passámos de um para dois por cento o consumo corrente em investigação, construímos um biotério caríssimo e construímos dois centros de investigação.

Actualmente, temos 52 projectos de investigação financiados. A CESPU investe entre 750 mil e um milhão de euros por ano na investigação, muita dela co-financiada.

P - A vossa investigação direcciona-se para áreas específicas?

R - Temos uma área fortíssima que são as Ciências Dentárias, a nossa raiz.

● ● ●
A CESPU tem cerca de 3 200 alunos nas licenciaturas e perto de 500 nos mestrados.